

Alfonso Reyes

A VINGANÇA CRIADORA

Contos Completos

Traduzido do original espanhol (México) por
Sofia Castro Rodrigues



Índice

Nota à Edição	9
O PLANO OBLÍQUO (1920)	11
O jantar	13
De como Chamisso dialogou com um aparador holandês	21
A reunião	26
A primeira confissão	36
Diálogo de Aquiles e Helena	41
Nas repúblicas do Soconusco (Memórias de um súbdito alemão)	47
O frade convertido (Diálogo mudo).	63
Luta de patronos (Nos Campos Elíseos)	66
Os restos do incêndio (Fragmentos de um manuscrito salvo da catástrofe).	76
Estrela do Oriente	83
A rainha perdida	88
VIDA E FICÇÃO [1910-1959].	91
Silhueta do índio Jesús	93
Floreal	98
O bucaneiro	100
Plácida sesta	112
Qualidade metálica.	114

O samurai	116
Cuernavaca.	122
O africano indiscreto	133
Vida de aldeia	135
A vingança criadora	137
O destino amoroso	146
O homenzinho do disco	152
Encontro com um diabo	156
De alguns possíveis progressos	158
O homem pela metade	161
<i>LANDRÚ</i> – OPERETA [1929-1943]	163
QUINZE PRESENCAS (1955)	177
I. As babuchas	179
II A casa do grilo (Sátira doméstica).	184
III. O rei do <i>cocktail</i>	203
IV. O testemunho de Juan Peña.	216
V. Os dois áugures (Começo de novela)	228
VI. Descanso dominical (Nos pinhais de Teresópolis)	242
VII. Onde Indalecio aparece e desaparece	254
VIII. A feia.	261
IX. Paixão e morte de Dona Engraçadinha.	271
X. Fábula da rapariga e da elefanta	279
XI. A cicatriz	285
XII. Os estudos e as brincadeiras	292
XIII. De Cuitzeo, nem sombra	304
XIV. A mão do comandante Aranda	308
XV. Antonio dorme	317
OS TRÊS TESOIROS (1955)	323

A hora do pequeno-almoço não traz surpresas. E o jornal da manhã é um amigo bilioso, solteirão.

Solteirão!

A palavra permaneceu-lhe no vazio da alma e ainda borbuhlava quando espreitou pela janela para ver as horas nas nuvens!

Pouco a pouco, a sua disposição começou a brilhar como um espelho sem vapor. As andorinhas quase rasavam a sua frente. Ao longo da rua, nos terrenos por construir, flamejavam três papoilas espontâneas, quase intrusas. E depois, o campo desaparecia no mar do ar. A luz matinal resplandecia.

...E a consciência do dia agoirento, solitário, enquanto a casa se gasta de desuso, a desordem irrompe entre as coisas domésticas, dizima os exércitos da cozinha e confunde as reservas nas arcas e nos armários...

Certo dia, todas as gravatas amanhecem esfiapadas, extenuado o sobretudo, desengonçado o cadeirão; e ao mesmo tempo é necessário repor os pequenos utensílios de vestir, comer e dormir, todos falhos de providência. Assim sucumbe tudo, sem o incessante restauro do alinhavo, remendo e cerzido, misteres de esposa, de santa e de aranha.

E, de repente, grita, ameaçando a rua com o punho cerrado:
— Viver só, eu? Não ter a quem dizer «Cosam-me este botão», eu?
E, poucos meses depois, casava-se.

2

CAPITULAÇÕES

*Por Maio era, por Maio
quando os grandes calores,
quando os enamorados
vão servir os seus amores.*

— Vou fazer-te a minha confissão — disse-lhe — com a secura de um fecho de caixa. Vou descrever-te a minha psicologia mínima ou essencial.

(Campo de ténis. A bola branca rolava no pasto verde. Na pista, branca, perseguiam-se dois coelhos. Céu de bairro afastado. É de tarde.)

— Os grandes inimigos da minha vida — continua — foram, por ordem: primeiro, a timidez (cobardia); segundo, a preguiça (voluptuosidade); terceiro, a má educação (pouca sociabilidade e cultura incompleta).

»As minhas virtudes, as minhas forças na vida, por ordem: primeiro, o dom verbal; segundo, a inteligência; terceiro, a dúvida metódica, ou com mais clareza: a desconfiança. Talvez deva dizer: a malícia, como mais adiante explicarei.

»Tenho, aliás, uma qualidade mista: a dissimulação.

»Os casamentos de virtude e defeito exacerbaram sempre em mim os defeitos. Exemplo de uma combinação funesta que sempre me prejudicou: timidez-malícia. Foi este o meu pior monstro inimigo.

»Por mais que indague, não creio alguma vez ter sido verdadeiramente vaidoso. Oxalá o soubesse ser, por vezes, com calculismo! Porque quando digo «malícia», não quero dizer «segunda intenção», nem sequer alguma condição positiva, mas sim uma meditação contemplativa, uma sagacidade singular para adivinhar intenções alheias, com o seu quê de mania da perseguição.

»Também não creio que a imaginação tenha feito estragos em mim. O meu desdém pela vida é inteiramente intelectual, sem decepções do coração. Para mim, a tristeza nunca passou de um reflexo do desconforto intelectual. O homem parece-me mais feito para suportar as dores do que os incómodos. A morte de um ente querido tolera-se melhor do que uma casa húmida ou um furúnculo que persiste na nuca.

»Tenho, porém, apesar de tudo, uma sensibilidade doentia. Simplesmente não me detenho no sentimento como último plano. Consigo sempre ir mais além, observar-me a sofrer: uma expectativa absolutamente intelectual e sem sombra de sentimento aparente.

»A minha imaginação sempre tendeu para uma ponderação com um certo equilíbrio clássico. Consigo, porém, sonhar

acordado durante longas horas, algo que provém, simultaneamente, da minha preguiça e da minha literatura.

»A minha preguiça! Sou tão preguiçoso! No fundo, naturalmente. Pois como a vida não me larga, como estou rodeado de coisas mal feitas e tortas que creio só eu conseguir corrigir, esgoto frequentemente os meus dias, e as minhas noites, numa actividade febril.

»A minha timidez é a causa de todos os meus fracassos. Eu não sou exactamente um falhado. Mas tive alguns insucessos, dos quais talvez só eu me dê conta. Sem a minha timidez, da qual também só eu me dou conta, seria um grande homem. A dissimulação permite-me disfarçá-la bem. Consolo-me a pensar que se trata de uma coisa principesca, própria de um ser sofisticado subitamente abandonado em pleno voo. E essa é, com efeito, quase a minha própria história.

»Não tive crise religiosa. Fui educado numa fé moderada e a Virgem fazia-me milagres com grande naturalidade. Mas não me recordo de quando deixei de ser praticante, nem isso me preocupou. O meu pai era cristão histórico, não religioso, embora também não fosse ateu. O que quero dizer é que retinha do cristianismo aquilo que diz respeito a este mundo, sem que o outro o preocupasse. A minha mãe não se interrogava: rezava. Por vezes creio atingir a emoção religiosa, mas chego apenas à emoção verbal. O encanto das minhas próprias palavras tem o poder de me arrancar lágrimas. Não há quem queira alcançar Deus empoleirando-se numa montanha de palavras? Se fizesse da fé profissão, eu acabaria assim. Na língua espanhola, chama-se «Místico» a quem escreve parágrafos muito compridos.

»As minhas paixões, sempre exaltadas, não tiveram consequências funestas graças à timidez e à dissimulação. Devo acrescentar que, com o passar dos anos, vou perdendo esta dissimulação, à medida que me animalizo e se fecham mais as junções do crânio; à medida que, com a idade dos burros, a mandíbula vai imperando mais sobre o encéfalo. A cada dia que passa sou menos egoísta em todos os sentidos. Por vezes,

quando me comparo com o rapaz forte que fui, recrimino-me sozinho: «Mas eu sou capaz de morrer pelos outros!». Contudo, creio que hoje agrado muito menos ao próximo do que antes, talvez pela falta de dissimulação. A sinceridade será um defeito?

»Ao contrário do caro Disraeli, tenho a fraqueza de dar explicações a respeito de tudo aquilo que faço; e por vezes a pessoas a quem não devia. Isto decorre, por um lado, do meu gosto por conversar e das minhas belas experiências amistosas dos vinte anos: tive amigos únicos, com quem falava de tudo; e, por outro lado, da excessiva intelectualização, da febre crítica, da necessidade, primeiro, de entender bem, e, segundo, de explicar bem aquilo que entendi, de explicar-me através da palavra. (A palavra falada; até quando escrevo, falo.) Um dever de literato inoportunamente trasladado para a estratégia do trato humano! «Perdido, mas não tão louco/que revele o que sinto», diz um antigo poeta de quem muito gosto. E eu, que ontem me julgava capaz de tudo dissimular, hoje, que tudo se vê na minha cara e que quero que tudo se veja, pergunto-me: «Por que chama o poeta louco a quem diz o que sente?».

»Uma ou outra vez, a preguiça misturou-se com as minhas paixões, em termos de voluptuosidade. E nesses momentos, as minhas paixões dominaram-me.

»Sem a minha timidez, eu seria o mais livre dos homens e não teria dado lugar privilegiado, na minha vida, a esta ou àquela semi-audácia passageira.

»De um momento para o outro, o mundo parece-me completamente diferente. Um gesto, uma palavra do meu interlocutor, tornam-me plenamente miserável ou feliz. E, conhecendo esta minha condição, sou tão preguiçoso que não sei mudar de sítio quando estou melancólico, o que seria remédio santo. (Nunca o experimentei).

»Até há algum tempo, a única coisa que me restava era o sentimento de continuidade da minha obra literária. Depois, vivi em Paris muito isolado e comecei a duvidar de mim. Talvez por me faltar o ambiente dos amigos e esse leve sabor de vaidade que é indispensável para criar com prazer. (Não restam

dúvidas de que, no fundo de qualquer criação, existe petulância. Por isso pergunto-me, por vezes, se a Queda e a Criação não serão a mesma coisa.). De regresso aqui, onde todos somos irmãos, vou recuperando algumas das minhas forças.

»A minha melhor característica é a lealdade dos meus afectos. Num mundo tecnicamente perfeito (não sei se me compreendes) eu seria, sem dúvida, o melhor dos homens.

»Tenho cara de menino porque não consumo tabaco nem álcool. Por essa razão, também os meus gestos carecem desse garbo que a vida de clube dá a muitos, entre o fumo adulto e os vícios severos.

»Aborreço-me porque vivo sozinho.

»E agora tu me dirás o que quiseres».

Ela, apesar de tudo (insistência do romantismo), julgou ouvir cantar um rouxinol. Por entre os lábios, como se tivesse um alfinete nos dentes, deixou sair um «Sim» sibilante. E a verdade é que – alucinada – com o seu «Sim», casou.

Era uma rapariga muito boa e dócil, de cabelo castanho e ideias azul-pérola. Sem ser bela, tinha no rosto aquela suavidade que tanto agrada aos desse lugar. Era uma mulher...oh, muito da nossa terra!

3

AO PRIMEIRO SANGUE

*Castelhanos e leoneses
têm grandes divisões.*

As duas cadeiras de embalar no miradouro; e o miradouro, jaula de vidro e leves cortinas sobre a rua.

Embalam-se. De tempos a tempos, endireitam-se um pouco, meio sorridentes, meio austeros, e sublinham com um gesto: «sim, sim»; «não, não».

Uma mesinha redonda com três pés, onde há apenas um dedal de ouro, divide o terreno.

Poder-se-iam desenhar entre orlas de folhas e flores, com um letreiro branco em baixo.

Do fundo da alcova, o relógio pontua os compassos vivos de silêncio.

— Quando chegámos, o jantar já estava preparado para os doze. A minha mãe era uma grande mãe de filhos e esposa de esposo...

— Ouve, perdoa-me. Nunca te contei? A chaveninha de chá que parti uma vez? Foram mostrar-me às visitas, como uma menina educada. Uma desgraça! A primeira chávena de chá que me deram caiu. O meu pai ia enfurecer-se, mas a minha mãe apressou-se: «Agora esta, querida, mais esta». E eu parti outra e outra ainda. Não restava senão encará-lo a rir. A minha mãe é assim.

Tic-tac, tic-tac, tic-tac.

— Sabes que gosto muito da tua história? Um dia, de férias em casa, parti um jarrão de porcelana esmaltada à minha mãe. Eu já tinha dezoito anos, mas desatei a chorar de vergonha. E nada a não ser: «Pagas-me quando cresceres».

— A minha mãe é extremamente cuidadosa. Pensa em tudo e, no entanto, nunca se inquieta. Recordo-a naquela sala: com meio trejeito dava uma ordem ao criado; com um sorriso, tapava uma pergunta indiscreta e, enquanto estendia uma mão a um, com a outra ia ao encontro de outro; mas tudo com lentidão: tinha tempo de sobra. Foi assim que se conservou tão jovem, tão linda.

— A minha mãe é morena, pequena, mais para o magro. Nunca está quieta. Tem de ver a comida dos cavalos, a farinha na dispensa, as couves da horta. É um general. Anda com as chaves a tilintar.

— Já eu creio ter herdado da minha mãe o gosto pelas coisas finas e pequenas. Tinha umas tesourinhas de prata...

— A minha melhor herança é o gosto pelo ar livre. Isso não tens tu de onde herdar...

Um relâmpago imperceptível. Atingida! A nobreza agrícola em declínio e a burguesia urbana em ascensão contemplam-se em silêncio.

— Mas tu não me estás a ouvir!

— Nem tu a mim!

E por fim:

— Anda, já chega. Deixa isso. Vamos até à outra janela?

— Vamos.

Horas loucas! Quantas assim! Células microscópicas de que os dias são feitos.

4

CUIDADOS

*Filhas de quinze anos,
filhos nos braços.*

A cara enrugada do menino vivia nos olhos dela: onde quer que estivesse, julgava que ele estava a observá-la. E o melhor era o grito dele, o toque de clarim de saudação à vida que pareceu encher a casa.

Naquele grito desfez-se, purificado, o pesadelo de pinças e ligaduras, odores acres, agulhas de injeção.

Adeus às noites de bom sono! Na bola de sabão da sua consciência, pesava já a sólida realidade de uma criança.

A bola de sabão suportá-la-ia? Quantos cuidados, quantas angústias! Até à troca da bola de sabão pela bola de futebol.

E nervos, e azia.

— Olha, se me queres fazer feliz, dá-me bicarbonato assim que eu pedir, pois tenho fogo aqui.

E a opressão do trabalho, quem sabe porquê:

— Não me deixes, peço-te, não me deixes começar a fazer colecções de tudo o que os meus amigos publicam nos jornais. É tempo perdido. Ajuda-me: lembra-me a tempo para não me dedicar a tarefas de mera erudição que não tenham a criação como fim imediato. Também não devo dar importância às coisas da actualidade, a política e tudo isso, tu sabes. Queimem-me essa papelada toda que estou cansado

de a ver. E, acima de tudo, não falem comigo quando eu estiver a escrever.

E um horror a chocar com os móveis, a tropeçar nas pessoas:

— Já te disse qual é a regra da minha felicidade: não me andes de pantufas.

(Umas pantufas bordadas, primorosas).

E aquele sobressalto, aquele sobressalto:

— Mulher! Tem cuidado: pela maneira como engole e tosse, sempre que dás de mamar a essa criança parece que ela se vai afogar.

5

A FELICIDADE DO LAR

*Estando eu na minha casa
com a minha mulher real.*

Gostava de comer aquilo que ela cozinhava. Ela cozinhava muito poucas vezes porque isso lhe tirava o apetite. Aquilo que perdia do seu próprio apetite ganhava ao ver o apetite do marido:

— Aquilo em que tu pões a mão!... — dizia ele, galante. Mas não por galanteria, por verdadeiro gosto.

Ela, sem se ter numa tal conta, era uma excelente cozinheira. Ele nunca tinha sido capaz de perceber como era possível ter uma qualidade sem se gabar dela. E como esta é, quase, a definição de virtude, ele considerava a boa mão da mulher para a cozinha como o mais puro exemplo da virtude, e até mesmo a própria virtude.

Mas ela resolvia perder o apetite muito poucas vezes, isto é, muito poucas vezes decidia cozinhar.

— Guisar, meu filho, é coisa que faz mal ao estômago.

E ainda que não o dissesse tão claramente, das suas vagas explicações, das suas semi-ideias, das suas larvas ou fintas de pensamento (ela nunca aprofundava) eis aquilo que se tirava a limpo:

Que a cozinha, ainda que provenha de receitas, tal como a química e a farmácia, não é uma ciência exacta, mas antes uma arte impressionista.

Que a mesma receita, em cada ocasião, produz um resultado completamente diferente. Nisso se diferenciam (porquê, senhor, porquê?) os verdadeiros alimentos dos medicamentos. Não há regra melhor para os distinguir: medicamento é aquilo que, com fórmulas iguais, produz resultados iguais. Alimento é aquilo que, com fórmulas iguais, produz resultados diferentes.

— Pelo que — sustentava —, por vezes até a forma, a simples apresentação, altera o sabor de um alimento, meu filho. Vê o que acontece ao pão: se com a mesma massa fizeres uma rosca ou uma trança, aquela não sabe ao mesmo que esta, nem têm a mesma consistência, nem o mesmo tacto, nem o mesmo aroma, nem demoram o mesmo tempo a arrefecer, nem...

Pelo que a cozinha é, assim, uma arte impressionista. Não se pode temperar com a tábua de algoritmos, mas sim com a ponta da língua. Para o guisado ficar no ponto, é preciso estar sempre a prová-lo. E estar a provar — e a provar um guisado a meio da preparação — é perder, pelo menos, a primeira metade do apetite. Primeira razão.

Segunda razão: como nos contos utópicos, o aroma é um verdadeiro alimento. E quem cozinha passa uma hora, por vezes mais, envolto numa nuvem de aromas. Absorve-os e perde o apetite.

Por sorte, ele só gostava que a mulher cozinhasse por luxo ou por excepção. Luxo e excepção que recompensava sempre com um regozijo sólido e sem palavras.

Todos os dias, não lhe teria agradado. As tarefas domésticas, pensava, diminuem a alma da mulher, gastam-lhe os sentidos, fazem-na perder a boa conversação e a finura das mãos. Duas visitas diárias à cozinha envelhecem a mulher mais do que um parto. E assim, através da modéstia excessiva dos primeiros tempos e do conforto que se lhe seguiu, esforçava-se por afastar a sua mulher, quase sempre, dos abusos da cozinha.

E assim, nisto de ir e de não ir para a cozinha – quando sim, porque sim, e quando não, porque não – reinava naquele casamento o mais edificante acordo. E ele via, naquela virtude da sua mulher, uma virtude para os dias de festa, o símbolo perfeito da sua felicidade, a árvore central da sua tenda plantada neste deserto da vida.

6 DUAS ESCOLAS

*Os ares andam contrários,
o sol fazia um eclipse.*

O menino tinha de ver tudo branco. O quarto tinha de ser branco. Os móveis, brancos. O simbolismo das cores tem a sua etimologia – a sua origem racional. E a verdade é que só a luz branca, soma de todas as cores, pode formar e educar um olho sem preconceitos. Móveis coloridos para uma retina em desenvolvimento? Isso equivaleria a pôr uns óculos coloridos à criatura! Se fossem verdes, depois veria tudo vermelho. «É mais turvo do que a luz do dia», dizia alguém que se habituara a dormir de dia e a velar de noite. E ele não queria educar monstros, isso não.

Ora bem, mudar de repente um enxoval ou um mobiliário é coisa demasiado grosseira para certas sensibilidades. O melhor seria procurar uma metamorfose: pintar de branco os móveis do quarto.

Mas enviá-los para a oficina seria deixar arrefecer o ninho. A voz ecoa tristemente nos quartos vazios e parece até evocar os fantasmas. Por outro lado, chamar o trabalhador a casa é resignar-se a descobrir as marcas de uns pés estranhos em todos os corredores, um caminho de gotinhas de tinta em todos os tapetes e um certo cheiro a homem na faina em todo o ar da casa.

Porque não serem eles mesmos a pintar os móveis? Não eram ainda jovens? E, sobretudo, não se amavam loucamente?

No dia seguinte era domingo. Pois então, mãos à obra: uma bata velha, uns pincéis, um frasco de verniz branco...

— Como é bonito trabalhar a cantar! — dizia ele. — A minha maior desgraça é não poder fazê-lo no meu trabalho.

E pintava, pondo pouco verniz no pincel fino e escorrendo-o e espremendo-o cuidadosamente nos bordos da lata. Entretanto, ela utilizava o pincel mais grosso, embebendo-o barbaramente, querendo chegar de uma vez ao tom branco vivo que ele obtinha depois de pintar duas ou três vezes. Quando ele dá por isso, pára, de olhos desorbitados. Não é que ela move o pincel transversalmente? Horizontalmente, contra o veio da madeira?

— Faz-se assim: vertical.

— Não, assim: horizontal.

— Não, assim: molhando pouco.

— Nada disso: molhando muito.

— E em duas ou três vezes.

— Não, de uma só vez.

Perante esta teimosia, é necessário suspender a obra. Trata-se de duas escolas de pintura antagónicas; de duas técnicas opostas; de dois modos contrários de interpretar a matéria. No fundo, talvez se trate de duas concepções diferentes do universo. Será que, afinal, depois de um ano e meio de felicidade, não se entendem? Um princípio de irritação nociva exagera o voo das ideias dele. Na forma de pintar dela há algo sanguíneo, brutal, improvisado, que o repugna profundamente. Sim: dois temperamentos irreconciliáveis encontram-se frente a frente. Oh perspectivas de perenes desavenças domésticas! E explodia:

— Muito bem: sendo assim os móveis ficam por pintar. Eia!

— Então que fiquem, eia!

(Eia!)